

51.

Vinte anos de Cerâmica Islâmica do Garb al-Andalus: ensaio crono-tipológico das formas abertas (I)

MARIA JOSÉ GONÇALVES, ISABEL INÁCIO, CONSTANÇA DOS SANTOS, CATARINA COELHO, MARCO LIBERATO, ANA SOFIA GOMES, JACINTA BUGALHÃO, HELENA CATARINO, SANDRA CAVACO, JAQUELINA COVANEIRO, ISABEL CRISTINA FERNANDES E SUSANA GÓMEZ MARTÍNEZ¹.

Resumo

Os últimos vinte anos foram decisivos nos estudos sobre a cerâmica islâmica do Sudoeste Peninsular, pelo volume de materiais descobertos e pela quantidade de publicações disponíveis. Embora as lacunas ainda sejam significativas, especialmente no que diz respeito aos períodos mais recuados, o tema adquiriu uma grande abrangência territorial, com um considerável número de sítios a permitir definir um enquadramento cronológico fiável. Neste artigo, propomo-nos um ensaio de abordagem crono-tipológica para as formas abertas de cozinha e mesa do actual território português.

Abstract

The last twenty years were determinant in the flourishing of the studies about Islamic pottery of the southwest of the Iberian Peninsula, visible in the large quantities of materials from archaeological surveys and in the available publications. Though the omissions are still significant, especially concerning the earlier periods, the subject has acquired a remarkable territorial expression. The study of a representative number of locations is leading to the definition of a reliable chronological context. In this paper we propose a chronological and typological approach for the opened forms of cooking and table ware in the Portuguese territory.



INTRODUÇÃO

A alimentação e os hábitos de mesa de uma sociedade reflectem-se, naturalmente, na diversidade de recipientes usados para preparar, cozinhar e apresentar as refeições, não fugindo a esta regra a configuração do repertório cerâmico do período islâmico no território do Garb al-Andalus.

Os ciclos políticos e sócio económicos do Garb al-Andalus (conflitos, autonomias regionais e alternâncias de poder, mormente com a implantação dos impérios magrebins) espelham-se na variedade das produções cerâmicas, seja nos aspectos de fabrico, nos morfológicos, ou nos diferentes modelos e técnicas ornamentais.

Entre os recipientes de forma aberta, as tigelas e caçoilas são testemunhos arqueológicos fundamentais, não só nos estudos crono-tipológicos, mas também através das técnicas e dos padrões ornamentais, na compreensão das mudanças de cânones políticos e culturais que representam as ideologias do poder central.

Este ensaio crono-tipológico, longe de ser exaustivo, centra-se apenas neste aspecto, deixando para segundo plano questões ligadas aos aspectos técnicos e tecnológicos, à dispersão territorial, a valorizações quantitativas, aos possíveis centros produtores e à sua distribuição e consumo. Tentamos, na medida do possível, utilizar exemplos bem datados e contextualizados estratigraficamente.

1. CAÇOILA

Definimos caçoila como uma “forma aberta, de corpo mais largo do que alto, de tendência cilíndrica ou em tronco de cone invertido. Costuma apresentar marcas de fogo” (Bugalhão *et al.* 2010: 460).

De época emiral conhecemos poucas variantes, quase todas com evolução nos períodos seguintes. Uma das mais antigas é a caçoila de bordo extrovertido (1.1 a 1.7), paredes curvas, duas asas e fundo plano que, no período emiral, aparece com fabrico manual, mas também com torneado rápido e, com o evoluir do tempo, se torna menos alta. Uma das suas variantes vai evoluir progressivamente para um corpo anguloso até formar uma carena.

As formas carenadas vão ser mais frequentes e variadas a partir do século XII, dando lugar a variantes sem asas ou com mais de duas (quatro ou oito). Os fundos,

que até esta altura eram planos, vão apresentar-se, também, fortemente convexos. Uma forma especialmente relevante é a caçoila de bordo introvertido, frequentemente com uma forte inflexão para o interior, com origem no repertório romano mas que vai ter uma presença destacada até ao fim do domínio islâmico no ocidente da Península Ibérica. Regra geral, aparece com fundo plano e lábio recto, arredondado, biselado ou, a partir do século XI, com moldura de secção triangular ou oval. Ocasionalmente apresenta duas asas. Na época almóada, mantêm-se os tipos mais simples com ligeiras variantes, mas também se desenvolvem formas em que o bordo introvertido adquire uma carena acusada para acamar uma tampa. Costumam ser executadas com torneado rápido e, frequentemente, apresentam acabamentos engobados, brunidos e, a partir do século X, também com pintura branca. Esta forma é um dos sinais do marcado arcaísmo que, até ao fim do período, marca o repertório formal do Garb al-Andalus.

Outro exemplo deste acentuado arcaísmo, manifesta-se nas caçoilas de paredes troncocónicas que aparecem, mesmo até ao período almóada, com fabricos manuais (1.39). Também, ao longo de todo o período, encontramos a variante oval deste tipo de caçoila, que frequentemente se associa à confecção de pratos de peixe (1.32. e 1.40).

Uma outra forma muito simples, de paredes curvas e base plana ou convexa (1.30, 1.33, 1.35, 1.36, 1.38), pode aparecer com marcas de fogo ou sem elas, havendo dúvidas se foi utilizada como caçoila ou como tigela. Por esse motivo apresentamos peças idênticas tanto no capítulo das caçoilas como no das tigelas.

A partir do século XII, o repertório diversifica-se de forma exponencial e estandarizam-se algumas formas características do ocidente peninsular. É também neste período que surgem e, posteriormente, se vulgarizam os revestimentos vidrados em formas de cozinha (1.41 a 1.47.).

Especial destaque merece a caçoila de corpo troncocónico com aplicações plásticas verticais de secção triangular, conhecida no vocabulário científico espanhol como caçoila de “costillas” (1.45 a 1.47), que pode aparecer com simples acabamento alisado, brunido ou com vidrado transparente ou melado acastanhado.

Descrição dos exemplos utilizados:

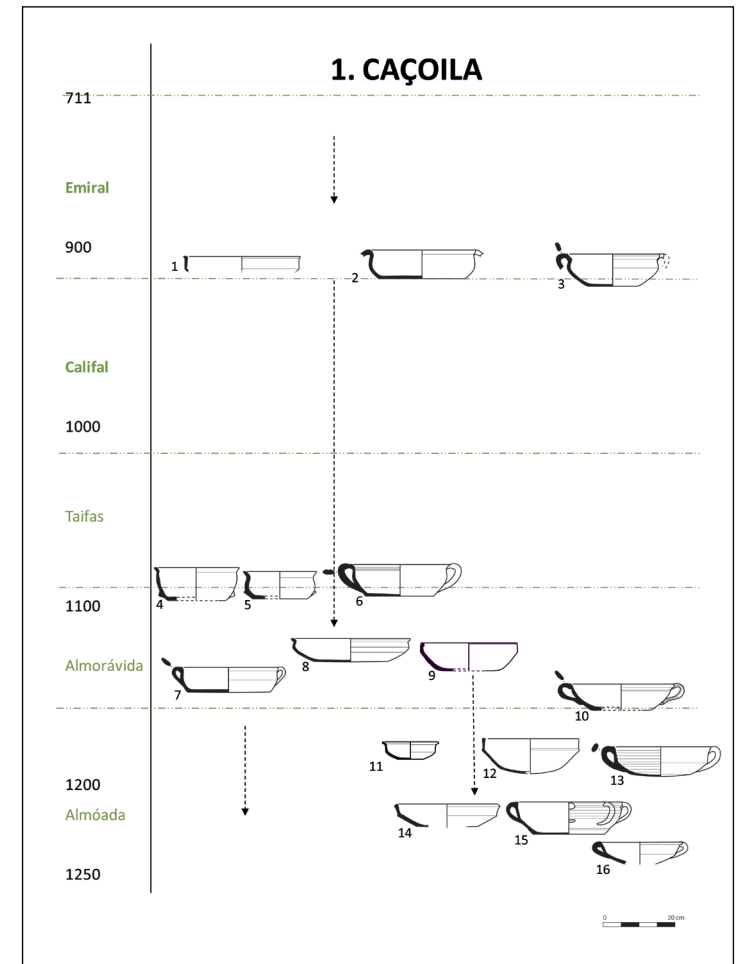


Fig. 1- Caçoila

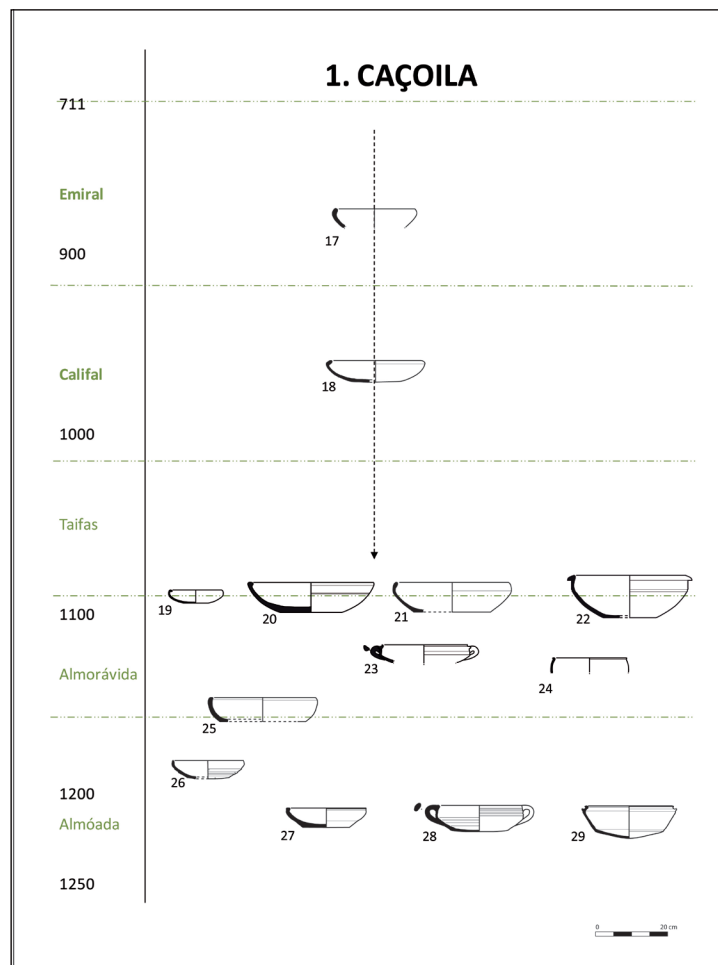


Fig. 2 - Caçoila

- 1.1. Cerâmica comum. Período emiral. Palmela (Fernandes 2004).
- 1.2. Fabrico manual. Período emiral e transição para o califal. Castelo Velho de Alcoutim (Catarino 1997/98: EST. LVI. 3).
- 1.3. Cerâmica comum. Séculos IX – X. Cerro da Vila (Matos 1991).
- 1.4. Cerâmica comum. Finais de Reinos Taifas e almorávida. Castelo Velho de Alcoutim (inédito).
- 1.5. Cerâmica comum. Finais dos Reinos Taifas e almorávida. Castelo Velho de Alcoutim (inédito).
- 1.6. Cerâmica comum. Finais dos Reinos Taifas e almorávida. Castelo Velho de Alcoutim (inédito).
- 1.7. Cerâmica comum. Séc. XII? Silves, Arrabalde (Gonçalves *et al.* 2008).
- 1.8. Cerâmica pintada a branco. Século XII? Silves, Arrabalde (Gonçalves *et al.* 2008).
- 1.9. Cerâmica comum. Período dos Reinos de Taifas. Lisboa, NARC (Bugalhão e Folgado 2001).
- 1.10. Cerâmica comum. Séc. XII? Silves, Arrabalde (Gonçalves *et al.* 2008).
- 1.11. Cerâmica comum e brunida. Período almóada. Vale do Boto (Castro Marim) (Catarino 1988: Est. IX. 3).
- 1.12. Cerâmica comum. Época almóada. Castelo de Salir (Catarino 1995: 16).
- 1.13. Cerâmica pintada a negro. Século XII? Silves, Arrabalde (Gonçalves *et al.* 2008).
- 1.14. Cerâmica pintada a branco. Primeira metade do século XIII. Tavira, Arrabalde da Bela Fria (Cavaco 2011: Est. II).
- 1.15. Caçoila de 8 asas, cerâmica comum brunida. Época almóada. Beja (Branco 1991).
- 1.16. Cerâmica comum. Primeira metade do século XIII. Tavira, Arrabalde da Bela Fria (Cavaco 2011: Est. II).
- 1.17. Cerâmica comum. Época emiral. Palmela (Fernandes 2006: 150).
- 1.18. Cerâmica comum. Época califal. Palmela (Fernandes 2006: 150).
- 1.19. Cerâmica comum. Séculos XI-XII. Santarém (Viegas e Arruda 1999).
- 1.20. Cerâmica comum e pintada a branco. Período dos Reinos de Taifas – Almorávida. Lisboa, NARC (Bugalhão e Folgado 2001).

- 1.21. Cerâmica comum. Finais do século XI - primeira metade do século XII. Santarém (Liberato 2012).
- 1.22. Cerâmica comum pintada a branco. Finais do século XI- primeira metade século XII. Santarém (Liberato 2012).
- 1.23. Cerâmica comum. Séculos XI-XII. Santarém (Viegas e Arruda 1999).
- 1.24. Cerâmica incisa e digitada. Século XII. Vale Casal Mourão (Sousa *et al.* 2009).
- 1.25. Cerâmica comum. Séculos XII-XIII. Silves, Arrabalde (Gonçalves *et al.* 2008).
- 1.26. Cerâmica comum. Época almóada. Vale do Boto (Castro Marim) (Catarino 1988: Est XII).
- 1.27. Cerâmica comum e pintada a branco. Época almóada. Mértola (Gómez 2006).
- 1.28. Cerâmica comum pintada a branco. Século XII-XIII? Silves, Arrabalde (Gonçalves *et al.* 2008).
- 1.29. Cerâmica comum. Época almóada. Castelo de Paderne (inédito).
- 1.30. Cerâmica comum. Época emiral. Palmela (Fernandes 2004: 150).
- 1.31. Cerâmica comum. Finais do período emiral e época califal. Castelo Velho de Alcoutim (Catarino 1997/98: EST. LVI. 4).
- 1.32. Cerâmica pintada a branco. Séculos X-XI. Santarém (Lopes e Ramalho 2001).
- 1.33. Cerâmica comum. Período dos Reinos de Taifas. Mértola, Castelo (Gómez 2006).
- 1.34. Cerâmica comum. Período dos Reinos de Taifas – Almorávida. Castelo Velho de Alcoutim (inédito).
- 1.35. Cerâmica pintada a vermelho. Período dos Reinos de Taifas. Lisboa, NARC (Bugalhão e Gómez 2005)
- 1.36. Cerâmica comum. Séculos XII-XIII? Silves, Arrabalde (Gonçalves *et al.* 2008).
- 1.37. Cerâmica comum. Época almóada. Paderne (inédito).
- 1.38. Cerâmica manual. Século XII – XIII. Castelo de Salir (Catarino 1997/98).
- 1.40. Cerâmica comum. Época almóada. Mértola (Gómez 2006)

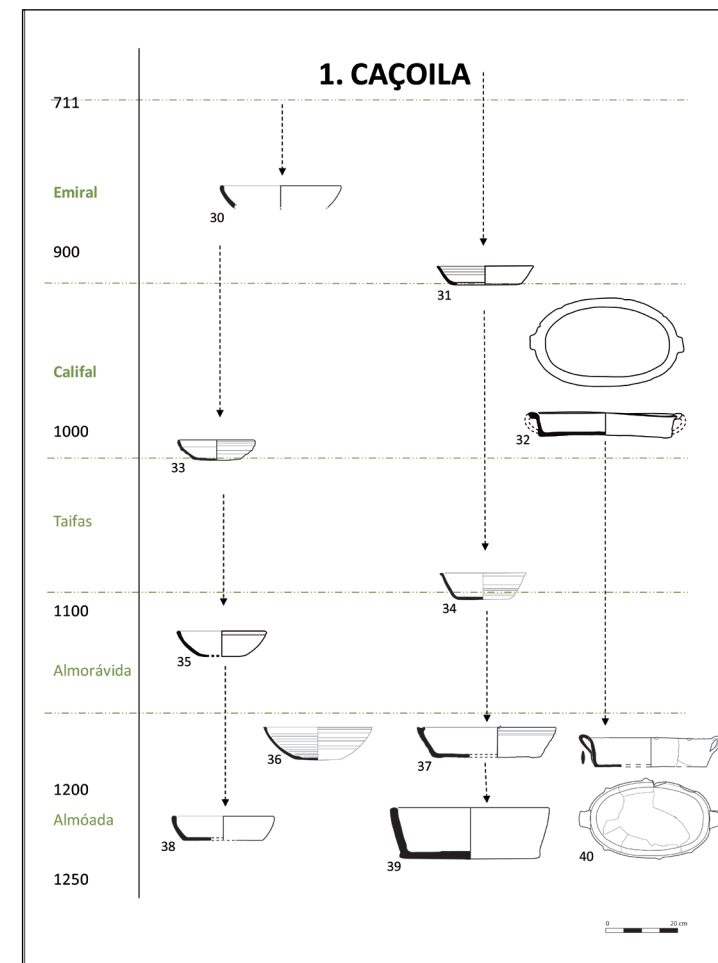


Fig. 3 - Caçoila

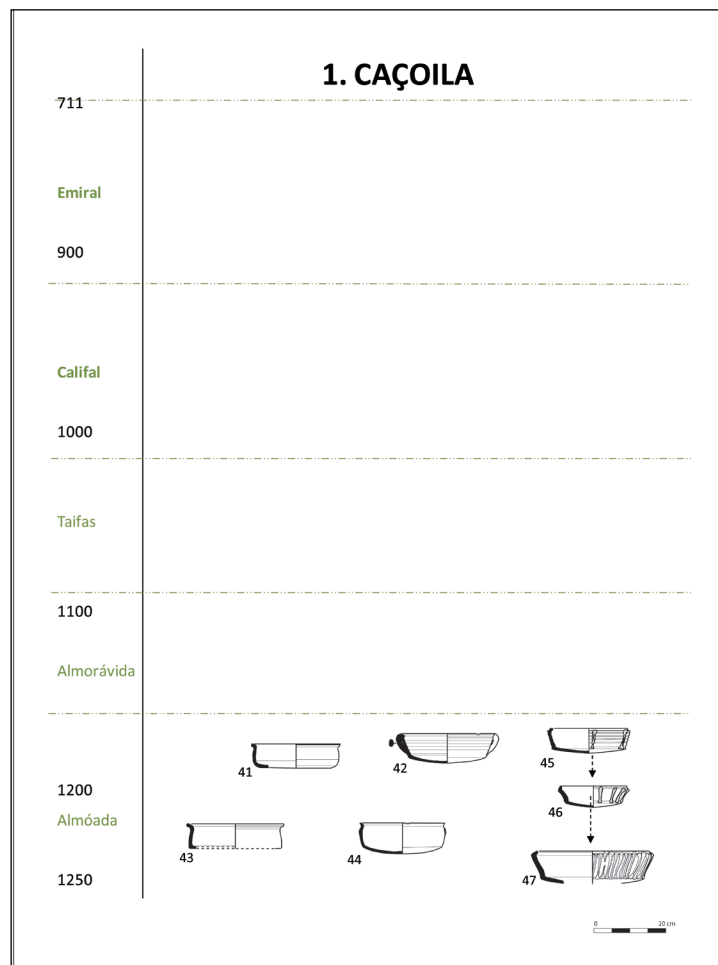


Fig. 4 - Caçoila

1.41. Cerâmica vidrada em melado. Época almóada. Castelo de Salir (Catariño 1995: 24).

1.42. Cerâmica vidrada em melado. Época almóada. Mértola (Gómez 2006).

1.43. Cerâmica vidrada em verde. Séc. XIII? Silves, Arrabalde (Gonçalves *et al.* 2008).

1.44. Cerâmica vidrada em melado. Época almóada. Mértola (Gómez 2006).

1.45. Cerâmica comum, brunida e vidrada em melado. Época almóada. Mértola (Gómez 2006).

1.46. Cerâmica vidrada em melado. Época almóada. Mértola (Gómez 2006).

1.47. Cerâmica vidrada em melado. Primeira metade do século XIII. Tavira Convento da Graça (Covaneiro e Cavaco 2012: 100).

2. TIGELA.

Definimos tigela como uma “forma aberta de corpo semi-esférico e de tamanho variável mas de diâmetro da boca superior a 150 mm” (Bugalhão *et al.* 2010: 461).

A diversidade morfológica é muito grande ao longo do período islâmico. Assistimos, como no caso das caçoilas, a uma progressiva multiplicação de variantes, embora constataremos formas com uma enorme persistência no tempo, especialmente as não vidradas, muitas delas coincidentes com formas de caçoilas das quais apenas a ausência de marcas de fogo denuncia a sua função. É o caso das tigelas de bordo introvertido (2.7., 2.11. e 2.13.), as de paredes curvas (2.5., 2.8, 2.9., 2.14, 2.16 e 2.17) e as de paredes troncocónicas (2.6 e 2.10).

Também no caso das tigelas, as variantes de época emiral são poucas, geralmente herdeiras do repertório da Antiguidade Tardia e com continuidade nos períodos seguintes. Os acabamentos são simples alisados mas, ocasionalmente, aparecem brunidos e engobados.

Só a partir de época califal aparecem tigelas vidradas. As formas mais antigas são importações cordovesas de perfil curvo muito simples e base convexa (2.20), plana (2.35 e 2.26) ou côncava (2.19). Não apresentam base anelar. Trata-se da série em verde e manganês, sendo raros os exemplares com vidrado monocromo ou com a combinação de branco e manganês (sem verde).

A partir de finais do século X, mas sobretudo a partir do século XI, surgem as bases anelares que vão dominar a tipologia. Durante o período dos Reinos de Taifas, os anéis apresentam pouca altura e perfil vertical para, a partir do século XII, se tornarem mais altos, com perfil de tendência diagonal e com um diâmetro menor em relação ao bordo. As formas mais frequentes durante o século XI são as de corpo em calote ovóide ou em calote esférica, estas últimas apresentando, com muita frequência, um ressalto ou moldura junto da base anelar (2.21, 2.22, 2.24, 2.25 e 2.26). Os lábios são arredondados, biselados ou com moldura de secção semicircular, surgindo, a partir do século XII, lábios em pequena aba e com moldura de secção triangular.

No final dos Reinos de Taifas e durante o período almorávida, aparecem formas vidradas com bordo introvertido que vão ter continuidade em época almóada, embora ocorram com pouca frequência. Também surgem as formas carenadas que se apresentam com muitas variantes e com tendência a acentuar a inflexão da carena. O tipo com carena baixa e corpo troncocónico invertido tem um antecedente, raro, dos inícios do século XI em verde e manganês (2.51), surgindo a partir do século XII com outros acabamentos (vidrado monocromático -2.56.-, corda seca total -2.61.-). São vários os tipos com carena alta, podendo apresentar lábio arredondado (2.52), biselado (2.57) ou com moldura triangular (2.66), e/ou acusada moldura na carena (2.60 e 2.66). Um tipo concreto em que é especialmente evidente a tendência a reduzir o diâmetro da base e a acentuar a inflexão da carena é a variante de tigela carenada com duas asas horizontais (2.55 e 2.62). Outro conjunto de formas apresenta corpo muito baixo, normalmente com carenas marcadas e bordo em aba, em corda seca total (2.58), que teria um antecedente num prato califal em verde e manganês (5.5), ou com lábio de secção triangular (2.63).

Na época almóada, atinge-se a maior diversidade morfológica: para além das variantes que evoluem a partir dos tipos de períodos anteriores, encontramos formas próprias deste momento, como as tigelas de bocas polilobadas (2.34). Também encontramos uma maior variedade de técnicas ornamentais: para além de todas as constatadas nos períodos anteriores (vidrado monocromático, bicromático em melado e manganês ou branco e manganês, verde e manganês, corda seca total), em alguns sítios, aparecem acabamentos em reflexo metálico e incrementa-se, em

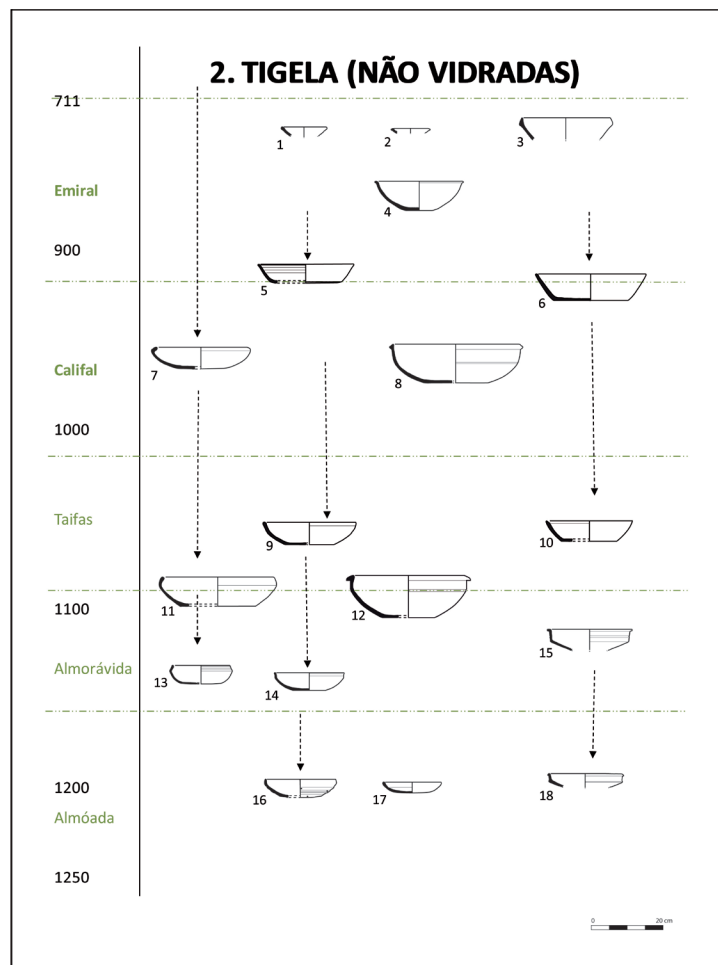


Fig. 5 - Tigela

grande medida, a presença dos vidrados verdes, frequentemente com temas estampilhados ou incisos sob o vidrado.

Descrição dos exemplos utilizados:

- 2.1. Cerâmica comum. Época emiral. Caparide (Rodrigues 2005).
- 2.2. Cerâmica comum. Época emiral. Caparide (Rodrigues 2005).
- 2.3. Cerâmica comum. Época emiral. Caparide (Rodrigues 2005).
- 2.4. Cerâmica comum brunida. Época emiral. Castelo das Relíquias (Alcouthim) (Catarino 1997/98: Est. LXXXIII. 3).
- 2.5. Cerâmica comum com engobe alaranjado e brunido. Finais do período emiral - época califal. Castelo Velho de Alcouthim (Catarino 1997/98: EST. LVI. 1).
- 2.6. Cerâmica comum. Finais do período emiral - época califal. Castelo Velho de Alcouthim (Catarino 1997/98: EST. LVI. 4).
- 2.7. Cerâmica comum. Época califal. Palmela (Fernandes 2004: 150).
- 2.8. Cerâmica comum. Época califal. Palmela (Fernandes 2004: 150).
- 2.9. Cerâmica comum brunida e/ou engobada. Período dos Reinos de Taifas. Castelo Velho de Alcouthim (Catarino 1997/98: Est. LVIII. 4).
- 2.10. Cerâmica comum brunida e/ou engobada. Período dos Reinos de Taifas. Castelo Velho de Alcouthim (Catarino 1997/98: Est. XLII. 2).
- 2.11. Cerâmica comum. Finais do século XI - primeira metade do século XII. Santarém (Liberato 2012).
- 2.12. Cerâmica pintada a branco. Finais do século XI - primeira metade século XII. Santarém (Viegas e Arruda 1999).
- 2.13. Cerâmica comum. Finais do século XI - primeira metade século XII. Santarém (Liberato 2012).
- 2.14. Cerâmica comum. Século XII. Silves, Arrabalde (inédito).
- 2.15. Cerâmica comum. Finais do século XI - primeira metade século XII. Santarém (Liberato 2012).
- 2.16. Cerâmica comum. Almóada. Vale do Boto (Castro Marim) (Catarino 1988: Est XII).
- 2.17. Cerâmica comum. Almóada. Vale do Boto (Castro Marim) (Catarino 1988: Est XII).

- 2.18. Cerâmica comum. Almóada. Vale do Boto (Castro Marim) (Catarino 1988: Est XI.4).
- 2.19. Cerâmica vidrada em verde e manganês. Época califal (século X). Mértola (Gómez 2006).
- 2.20. Cerâmica vidrada em verde e manganês. Época califal (século X). Cerro da Vila (Matos 1983).
- 2.21. Cerâmica vidrada em verde e manganês. Época califal ou transição Reinos de Taifas. Castelo Velho de Alcoutim (Catarino 1997/98: Est. XLVI.6).
- 2.22. Cerâmica vidrada em corda seca total. Período dos Reinos de Taifas (Século XI). Lisboa, Claustro da Sé (Amaro 2001).
- 2.23. Cerâmica vidrada em branco e manganês Séc. X-XI. Silves, Arrabalde (inérita).
- 2.24. Cerâmica vidrada em verde e manganês. Finais do califado e dos Reinos de Taifas. Castelo Velho de Alcoutim (Catarino 1997/98: Est. XLVII. 2).
- 2.25. Cerâmica vidrada em melado e manganês. Finais do califado e no período das taifas. Cerro da Vila (Matos 1983).
- 2.26. Cerâmica vidrada em verde e manganês. Período dos Reinos de Taifas (Século XI). Lisboa, NARC (Bugalhão e Gómez 2005).
- 2.27. Cerâmica vidrada em melado e manganês. Período dos Reinos de Taifas (Século XI). Mértola (Gómez 2006).
- 2.28. Cerâmica vidrada em melado e manganês. Finais do califado e período dos Reinos de Taifas. Cerro da Vila (Matos 1983).
- 2.29. Cerâmica vidrada em verde e manganês. Finais do século XI – Primeira metade do século XII. Mértola (Gómez 2006).
- 2.30. Cerâmica vidrada em corda seca total. Século XII. Mértola (Gómez 2006).
- 2.31. Cerâmica vidrada em corda seca total e estampilhada. Século XII. Mértola (Gómez 2006).
- 2.32. Cerâmica vidrada em verde e estampilhado. Época almóada. Mértola (Gómez 2006).
- 2.33. Cerâmica vidrada em verde. Época almóada. Mértola (Gómez 2006).
- 2.34. Cerâmica vidrada em verde. Época almóada. Mértola (Gómez 2006).
- 2.35. Cerâmica vidrada em verde e manganês. Época califal (século X). Mértola (Gómez 2006).

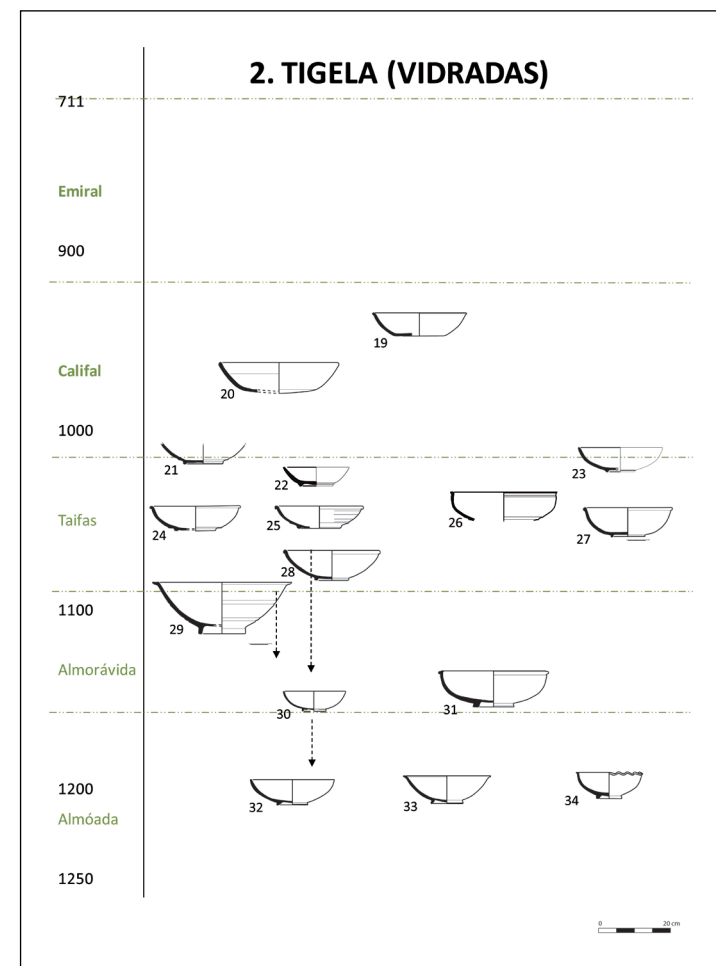


Fig. 6 - Tigela

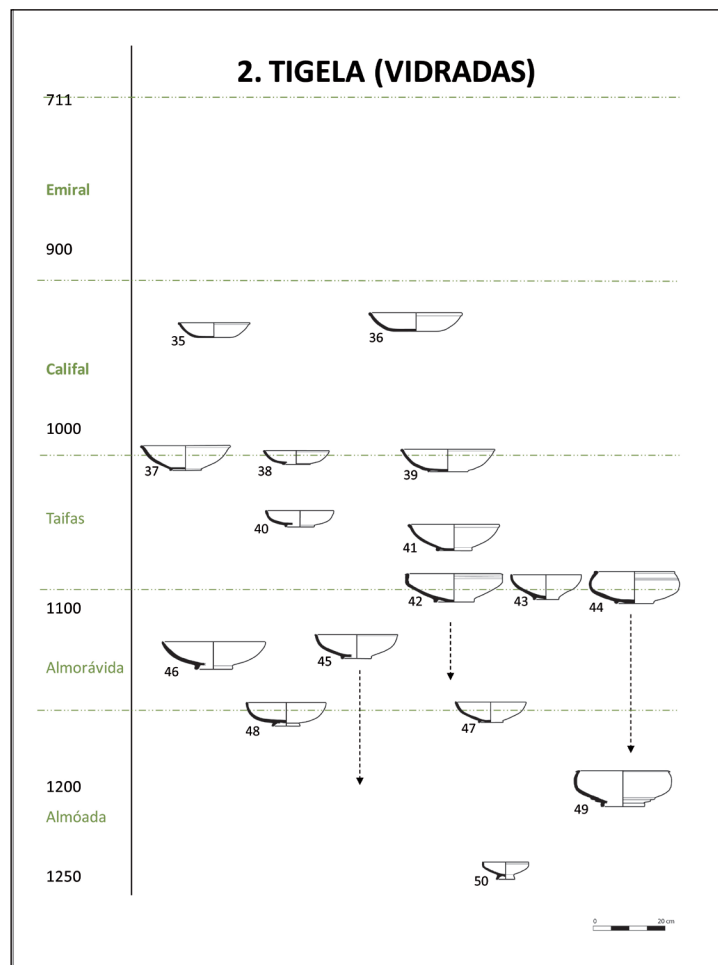


Fig. 7 - Tigela

tola (Gómez 2006).

2.36. Cerâmica vidrada em verde e manganês. Época califal (século X). Faro (Gamito 2007).

2.37. Cerâmica vidrada em verde e manganês. Finais do Séc. X-XI. Silves, Arrabalde (Gonçalves 2012).

2.38. Cerâmica vidrada em verde e manganês. Finais do Séc. X-XI. Mértola (Gómez 2006).

2.39. Cerâmica vidrada em verde e manganês. Finais do Séc. X-XI. Faro (Gamito 2007).

2.40. Cerâmica vidrada em melado e manganês. Séc. XI. Silves, Arrabalde (inédito).

2.41. Cerâmica vidrada em melado e manganês. Séc. XI. Silves, Arrabalde (inédito).

2.42. Cerâmica vidrada em melado e manganês. Finais do Séc. XI-XII. Faro (Gamito 2007).

2.43. Cerâmica vidrada em melado e manganês. Finais do Séc. XI-XII. Silves, Arrabalde (inédita).

2.44. Cerâmica vidrada em verde, Período dos Reinos de Taifas - almorávida. Lisboa, NARC (Bugalhão e Folgado 2001).

2.45. Cerâmica vidrada em melado e manganês. Séc. XII. Silves, Arrabalde (inédita).

2.46. Cerâmica vidrada em melado e manganês. Século XII. Silves, Arrabalde (inédita).

2.47. Cerâmica vidrada em melado e manganês. Séc. XII. Silves, Arrabalde (inédita).

2.48. Cerâmica vidrada em corda seca total. Século XII. Mértola (Gómez 2006).

2.49. Cerâmica vidrada em branco. Época almóada. Mértola (Gómez 2006).

2.50. Cerâmica vidrada em melado e manganês. Época almóada. Faro, Quintal da Judiária (Gamito 2007).

2.51. Cerâmica vidrada em verde e manganês. Finais do Séc. X-XI. Mértola (Palma 2010).

2.66. Cerâmica vidrada em verde e estampilhado. Época almóada. Mértola (Gómez 2006).



Definimos taça como uma “forma aberta, de corpo semi-esférico, de reduzidas dimensões (diâmetro da boca inferior a 150 mm)” (Bugalhão *et al.* 2010: 461). Em regra, são peças vidradas, que reproduzem as formas que encontramos entre as congêneres de maior tamanho. Tornam-se mais frequentes a partir da segunda

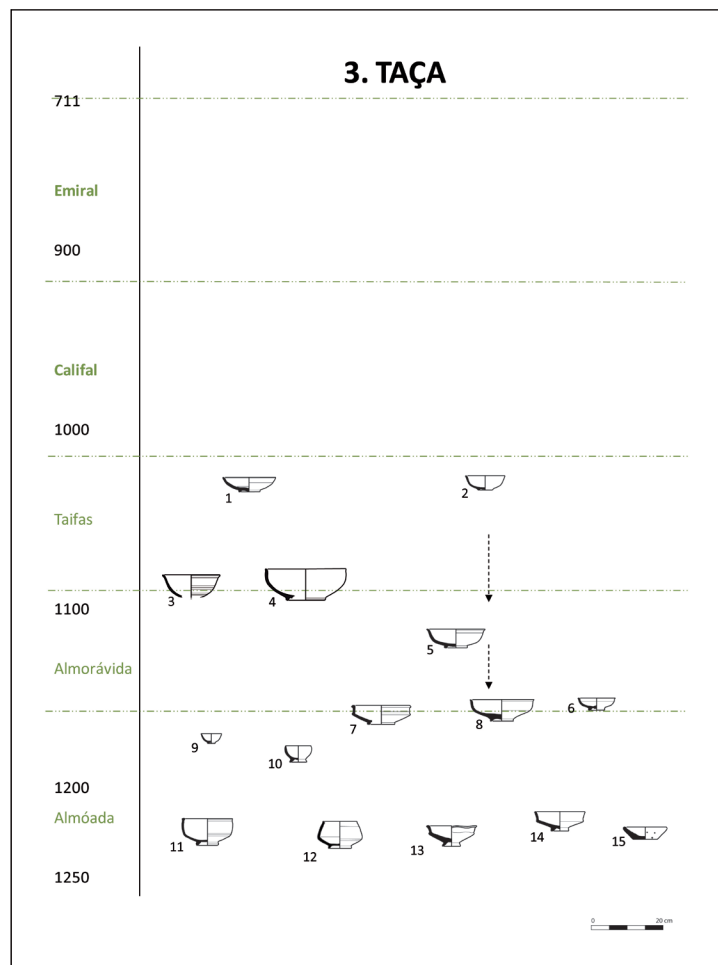


Fig. 9 - Taça

metade do século XI, acompanhando a tendência de incremento do número de objectos de uso individual que se constata em todo o repertório formal.

Encontramos, em época taifa, taças de corpo em calote ovóide e em calote esférica, sempre com base anelar. Seguem o exemplo das tigelas ao apresentar bordos arredondados (3.1) ou biselados (3.4) e, a partir do século XII, lábios de secção triangular (3.6).

A partir do século XII encontramos, também, formas carenadas (3.7 e 3.14), que em época tardoalmóada surgem ocasionalmente com bordo polilobulado (3.13). Nesta mesma época encontramos, igualmente, uma maior variedade de acabamentos e técnicas ornamentais: reflexo metálico (3.9 e 3.10), melado e manganês, incisão sob vidrado monocromo (3.11), para além dos vidrados monocromos brancos (3.14), verdes e melados.

Uma variante rara de época almóada apresenta corpo troncocónico e base plana, pintada com motivos em manganês (3.15.).

Descrição dos exemplos utilizados:

3.1. Cerâmica vidrada em melado. Século XI. Mértola, Castelo (Gómez 2006).

3.2. Cerâmica vidrada em melado e manganês. Século XI. Silves, Arrabalde (Inédita).

3.3. Cerâmica vidrada em melado e manganês. Época almorávida. Lisboa, Castelo de São Jorge (inédito, imagem cedida por Ana Gomes).

3.4. Cerâmica vidrada em melado e manganês. Época dos Reinos de Taifas – Período almorávida. Lisboa, NARC (Bugalhão e Folgado 2001).

3.5. Cerâmica vidrada em melado. Séc. XII. Silves, Arrabalde (inédito).

3.6. Cerâmica vidrada em melado. Século XII. Mértola (Gómez 2006).

3.7. Cerâmica vidrada em corda seca total. Séc. XII. Silves, Arrabalde (Gonçalves 2012).

3.8. Cerâmica vidrada. Época almóada. Castelo de Salir (Catarino 1995: 22).

3.9. Cerâmica vidrada com reflexo metálico. Época almóada. Mértola (Gómez 2006).

3.10. Cerâmica vidrada com reflexo metálico. Época almóada. Mértola (Gómez 2006).

3.11. Cerâmica vidrada em branco com incisões. Época almóada. Mértola

(Gómez 2006).

3.12. Cerâmica vidrada em melado e manganês. Época almóada. Mértola (Gómez 2006).

3.13. Cerâmica vidrada a branco no interior. Fabrico a torno, com rectificação manual do bordo para fazer os lóbulos. Primeira metade do século XIII. Tavira, Arrabalde da Bela Fria (Cavaco 2012: Estampa V).

3.14. Cerâmica vidrada em verde no exterior e melado no interior. Séc. XIII. Silves, Arrabalde (inédito).

3.15. Cerâmica comum pintada a manganês. Séc. XII – XIII. Loulé, Cerca do Convento (Luzia 2003).

4. TERRINA

Definimos terrina como uma “forma aberta, [de] corpo semi-esférico ostentando bordo adaptável a tampa” (Bugalhão *et al.* 2010: 461).

Trata-se de uma forma rara, que surge sempre vidrada, em verde e manganês em época califal (Cano 1996: Lam. XXIV), embora não surja neste período no Garb. A especificidade da forma convida a pensar que se usou para servir uma iguaria específica, impossível de precisar, e correspondeu a um requinte da mesa do al-Andalus que não teve continuidade. Uma das variantes (4.2.) parece corresponder a peças importadas do sudeste peninsular.

Descrição dos exemplos utilizados:

4.1. Cerâmica vidrada em melado e manganês. Século XII. Mértola (Gómez 2006).

4.2. Cerâmica vidrada em corda seca total. Século XII. Mértola (Gómez 2006).

5. PRATO

Definimos prato como uma “forma muito aberta para servir alimentos, em que a altura é inferior a um quarto do diâmetro do bordo” (Bugalhão *et al.* 2010: 461).

Geralmente, também são formas com grande perdurabilidade. Apresentam corpos em forma de calote ovóide (por exemplo 5.1, 5.5 ou 5.10) ou cilíndrica (5.2 e 5.11), lábios arredondados (5.8 e 5.2), planos (5.6) ou em aba bastante larga. Os

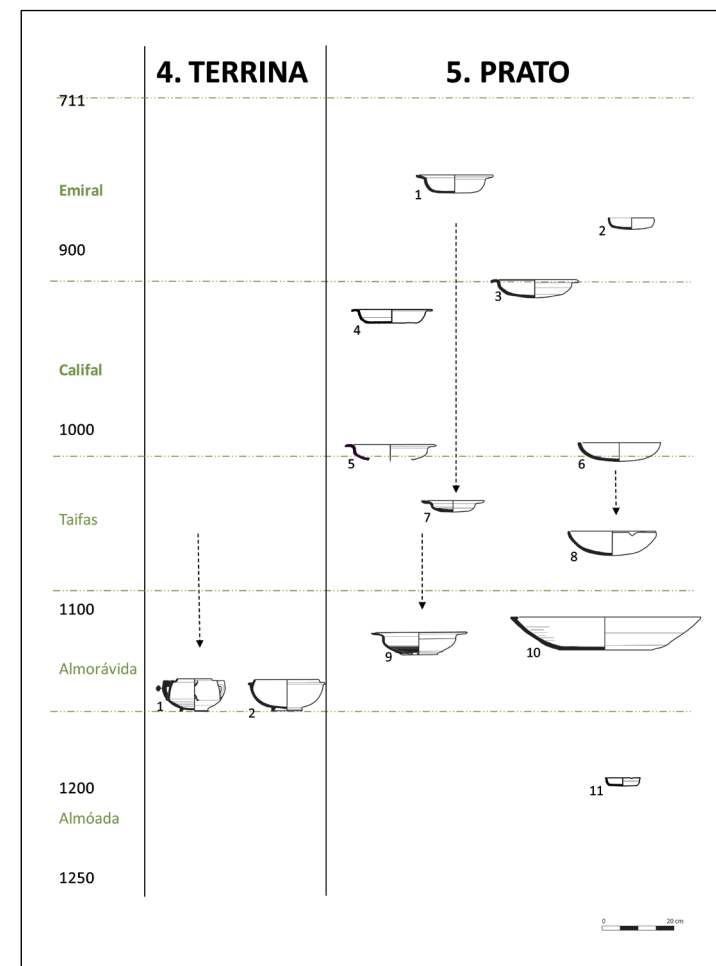


Fig. 10 - Terrina e Prato

fundos são planos (5.4) ou convexos (5.7 e 5.8) e, excepcionalmente, apresentam base anelar (5.6).

Encontramos uma grande diversidade de acabamentos. As peças mais antigas costumam ser revestidas de engobe sobre o que se aplica pintura vermelha (1.2 e 1.4) ou branca (1.7). Só algumas variantes com bordo em aba larga é que aparecem vidradas em verde e manganês (5.5) ou em melado (5.9).

Descrição dos exemplos utilizados:

- 5.1. Cerâmica pintada a vermelho. Época emiral. Silves Arrabalde (inédito).
- 5.2. Cerâmica pintada a vermelho. Época emiral. Silves Castelo (Gomes 1988).
- 5.3. Cerâmica pintada a branco com engobe vermelho. Época emiral. Cerro da Vila (Matos 1983).
- 5.4. Cerâmica pintada a vermelho. Época califal. Mértola (Gómez 2006).
- 5.5. Cerâmica vidrada em verde e manganês. Finais do século X - inícios do século XI. Mértola (Gómez 2006).
- 5.6. Cerâmica pintada a branco. Séc. XI. Silves, Arrabalde (inédito).
- 5.7. Cerâmica pintada a branco. Século XI. Mértola (Gómez 2006).
- 5.8. Cerâmica pintada a vermelho. Século XI. Silves, Arrabalde (inédito).
- 5.9. Cerâmica vidrada em melado com estrias interiores. Século XII. Mértola (Gómez 2006).
- 5.10. Cerâmica pintada a branco. Primeira metade do século XII. Lisboa, Claustro da Sé (Amaro 2001).
- 5.11. Cerâmica vidrada em branco. Período almóada. Mértola (Gómez 2006).

CONCLUSÕES

Este ensaio crono-tipológico não pode ser considerado como uma proposta definitiva, mas como um documento de trabalho indicador de cronologias e evoluções. Apesar de provisório, e das enormes lacunas que apresenta, podemos reconhecer algumas tendências gerais na evolução do repertório formal. Regra geral, todas as formas abertas apresentam poucas variantes em época emiral. A informação publicada, mesmo sem dados quantitativos, sugere que também em termos absolutos a sua presença é inferior relativamente às formas fechadas.

Este panorama modifica-se consideravelmente a partir do século XI e, sobretudo, no XII, quando assistimos a uma multiplicação das variantes em todas as formas, acompanhada de um aumento quantitativo dos exemplares encontrados e de uma diversificação nos acabamentos e nas técnicas ornamentais.

Com estas cinco séries não se esgotam as formas abertas do Gharb al-Ândalus. Prevemos apresentar, no próximo Encontro de Arqueologia do Sudoeste Peninsular os tipos não incluídos neste artigo.

NOTAS

1. Tratamento e unificação dos desenhos: Nélia Romba.

BIBLIOGRAFIA

Amaro, C. (2001): "Presença Muçulmana no Claustro da Sé de Lisboa – três contextos com cerâmica islâmica". *Garb. Sítios Islâmicos do Sul Peninsular*. Lisboa: p. 165-197.

Bugalhão, J., Catarino, H., Cavaco, S., Covaneiro, J., Fernandes, I. C., Gomes, A., Gómez Martínez, S., Gonçalves, M. J., Grangé, M., Inácio, I., Lopes, G. e Santos, C. (2010): "Projecto de sistematização para a cerâmica islâmica do Gharb al-Ândalus". *Xelb* 10: 455-476.

Bugalhão, J. e Folgado, D. (2001): "O arrabalde ocidental da Lisboa islâmica: urbanismo e produção oleira". *Arqueologia Medieval*: 7. p. 111-145

Bugalhão, J. e Gómez Martínez, S. (2005): "Lisboa, uma cidade do Mediterrâneo islâmico". In M. J. Barroca e I. C. Fernandes (Coord.) *Muçulmanos e cristãos entre o Tejo e o Douro (Sécs. VIII a XIII)*. *Actas dos Seminários realizados em Palmela e Porto em 2003*. Palmela: 237-262.

Cano Piedra, C. (1996): *La cerámica verde-manganeso de Madīnat al-Zahrā'*. Granada.

Catarino, H. (1988): *Para o estudo da ocupação muçulmana no Algarve Oriental (Concelhos de Alcoutim e Castro Marim)*. Trabalho de síntese apresentado à Faculdade de Letras de Coimbra como prova de aptidão pedagógica e capacidade científica.

Coimbra. Exemplar policopiado.

Catarino, H. (1995): "O Castelo de Salir: Resultados da escavação dos silos". *al-'ulyã* 4: 9-30.

Catarino, H. (1997/1998): "O Algarve Oriental durante a ocupação islâmica. Povoamento rural e recintos fortificados". *al-'ulyã* 6. 3 vols.

Cavaco, S. (2011): *O arrabalde da Bela Fria: contributos para o estudo da Tavira islâmica*. Dissertação de mestrado em Portugal Islâmico e o Mediterrâneo. Faro. Disponível em <http://hdl.handle.net/10400.1/3109>

Correia, F. B. (1991): "Um conjunto cerâmico árabe-medieval de Beja". *Actas do IV Congresso Internacional: A cerâmica medieval no Mediterrâneo Ocidental*. Mértola: 373-385.

Covaneiro, J. e Cavaco, S. (2012): "Fragmento de caçoila de costillas. Ficha de entrada de peça". *Tavira Islâmica. Catálogo da Exposição*. Tavira: 100.

Fernandes, I. C. F. (2004): *O Castelo de Palmela, do islâmico ao cristão*. Lisboa.

Gamito, T. J. (2007): *O Algarve e o Magreb (711-1249)*. Faro.

Gomes, R. V. (1988): "Cerâmicas muçulmanas do Castelo de Silves". *Xelb* 1.

Gómez Martínez, S. (2006): *Cerámica Islámica de Mértola: Producción y comercio* [Em linha]. Madrid. [Consult. 14 Nov. 2007]. Disponible en Internet: <URL: "http://cisne.sim.ucm.es/search*spi~S7/X?SEARCH=susana+gomez+martinez&searchcsope=7&SORT=D">

Gómez Martínez, S. e Lopes, V. (2012): "Cerâmicas del arrabal de Mértola (Portugal). Contexto y uso de los objetos en un espacio ribereño andalusí". *Atti del IX Congresso Internazionale sulla Ceramica Medievale nel Mediterraneo*. Venezia: 566-568.

Gonçalves, M. J. (2012): "Evidências do Comércio no Mediterrâneo Antigo. A Cerâmica Verde e Manganês presente num Arrabalde Islâmico de Silves (Portugal)". *Atti del IX Congresso Internazionale sulla Ceramica Medievale nel Mediterraneo*. Venezia: 179-182.

Gonçalves, M. J., Pires, A. e Mendonça, C. (2009): "Utensílios do quotidiano de um arrabalde islâmico de Silves: análise preliminar da louça de cozinha". *Xelb* 9: 695-706.

Liberato, M. (2012): *A cerâmica pintada a branco na Santarém Medieval: uma abordagem diacrónica séculos XI a XVI*. Dissertação de mestrado em Arqueologia. Lisboa. Disponível em <http://hdl.handle.net/10451/6023>

Lopes, C. do C. e Ramalho, M. (2001) – “Presença Islâmica no Convento de S. Francisco de Santarém”. *Garb. Sítios Islâmicos do Sul Peninsular*. Lisboa: 31-87.

Luzia, I. (2003): *Cerâmicas islâmicas da Cerca do Convento / Loulé*. Loulé.

Matos, J. L. de (1983): “Malgas árabes do Cerro da Vila”. *O Arqueólogo Português* série IV vol I: 375-390.

Matos, J. L. de (1991): “Cerâmica muçulmana do Cerro da Vila”. *Actas do IV Congresso Internacional A cerâmica medieval no Mediterrâneo Ocidental*. Mértola: 429-472.

Palma, M. de F. e Gómez Martínez, S. (2010): “Níveis islâmicos da Biblioteca Municipal de Mértola”. *Actas del IV Encuentro de Arqueología del Suroeste Peninsular*. Huelva: 1174-1197.

Rodrigues, J. A. S. (2005): *A presença medieval na vila romana de Caparide. Vivências continuadas*. Trabalho apresentado na Cadeira “Relatório Final”. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Exemplar policopiado.

Sousa, A. C. de; Miranda, M.; Sousa, E. de; Carvalho, L. (2009): *Vale do Casal Mourão - Relatório final*. Arquivo de Arqueologia da DGPC. Exemplar policopiado.

Viegas, C. e Arruda, A. (1999): “Cerâmicas Islâmicas da Alcáçova de Santarém”. *Revista Portuguesa de Arqueologia* 2:2: 105-186.